
Nossa literatura é a literatura mais influente do mundo

Our Literature is the Most Influential Literature in the World

Autoria: Davi Villaça

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2883-239X>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2378582582495303>

DOI: 10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.212774

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/212774>

Recebido em: 03/06/2023. Aprovado em: 19/06/2023.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 12, n. 22, jan.-jun., 2023.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

Contato: opiniaes@usp.br

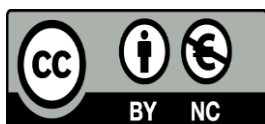
 [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

 [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/revista.opiniaes)

Como citar (ABNT)

VILLAÇA, Davi. Nossa literatura é a literatura mais influente do mundo. *Opiniões*, São Paulo, n. 22, pp. 520-527, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.212774>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/212774>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

nossa literatura é a literatura mais influyente do mundo¹

Maksím Górkí
Tradução de Davi Villaça²

(Os delegados saúdam de pé a aparição de Maksim Górkí com uma longa ovação)

Se contarmos todo o tempo gasto com aplausos, veremos que ele é terrivelmente longo. *(Risos)*

Eu penso, camaradas, que vocês não vão exigir de mim uma exposição detalhada e minuciosa de tudo o que o que foi dito aqui, pois isso seria absolutamente impossível. Eu tive muito pouco tempo para ler todos esses discursos bastante extensos, tirar deles conclusões precisas e sublinhar o que foi dito no plenário da forma devida.

Vou transmitir, brevemente, apenas a impressão que me ficou da leitura dos estenogramas.

A impressão é a de que, talvez, muitas questões de caráter profissional tenham se sobreposto a questões, por assim dizer, de significado ideológico e político-social em geral.

Nas questões de caráter profissional, nos pontos onde, por exemplo, tratava-se da temática, não ficou suficientemente clara a necessidade de expansão e aprofundamento da temática.

Veem o problema, camaradas? Entre nós existia e ainda existe o antigo camponês russo, educado durante séculos num ambiente perfeitamente delimitado, que o deixou no século XX tal e qual uma pessoa dos séculos XVI-XVII. Esse camponês, ainda assim, em um curto período, em dezessete anos, deu um salto fantástico para o século XX, para o socialismo. É natural que um culaque, um “parasita”, um usurário, um lojista oferecessem todo tipo de resistência em formas especialmente fortes, em formas trágicas. E foi assim mesmo que ele ofereceu essa resistência.

Entre nós, na nossa literatura, isso não passou despercebido. Não conseguimos representar essas pessoas de psique culaque num tipo, numa imagem ampla. Tomem, por exemplo, seus meios de luta. Vocês evidentemente os conhecem, mas, parece-me, muito escapou à atenção de vocês.

Quando, por exemplo, os culaques enterravam pão sob a terra, alguns deles notavam que por causa disso os ratos se reproduziam em profusão. O rato é uma

¹ Discurso no Segundo Plenário do Conselho da União dos Escritores Soviéticos, em 7 de março de 1935.

² Davi Lopes Villaça, é formado em Estudos Literários pela Unicamp. Concluiu mestrado em Literatura Brasileira pela USP. Atualmente desenvolve projeto de doutorado em Teoria Literária com apoio do CNPq. E-mail: dlvillaca@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2883-239X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2378582582495303>.

excelente peste. O rato custa muito caro a qualquer país, e terrivelmente caro ao nosso. Ele destrói dezenas de milhões de rublos em pão.

O inimigo tem argumentos mais fortes do que nós, escritores. Não pontuamos isso nos dramas e contos com a devida força. Nós argumentamos com ideias, e eles argumentam com ações.

As máquinas, ao entrarem na rotina da propriedade rural, assustam os pássaros. O culaque percebeu bem isso e disse: “Ao diabo com elas, com essas máquinas, nada de bom vai vir delas. Elas espantam os pássaros insetívoros, os insetos se reproduzem mais, e de todo modo haverá prejuízo”.

Até uma ninharia dessas puderam considerar!

Eu estou sempre me revolvendo na esfera profissional, como se deve. E é preciso dizer que esse tema, o “culaque”, não é abordado. Não é abordado o inimigo na sua verdadeira forma.

Então esse inimigo passou por certa evolução – do assassinato de seus próprios filhos e netos, dos incêndios, dos incêndios criminosos, dos numerosos assassinatos dos correspondentes rurais etc., até o envenenamento do pão com pregos, vidro etc., como foi revelado no último processo de Ochkin.

Essa “evolução” não foi examinada, mas ela significa uma perda da força de oposição do inimigo, isso é, a sua derrota.

Não se prestou atenção à mulher na sua estatura.

Não se prestou atenção a muita coisa. Como eu já disse várias vezes, não se prestou nenhuma atenção às crianças. Nós, por alguma razão, não escrevemos sobre as crianças, mas antes os escritores burgueses escreviam, e nada mal.

Mas para falar sobre esse tema seria necessário falar sobre muitas coisas.

Vou me dirigir às questões diretamente evocadas no plenário. Alguns daqueles que se opuseram a Bepalov disseram que a participação mais ativa na criação de uma imagem pertence ao trabalho criativo inconsciente.

Isso não é verdade, camaradas! Não se pode falar, a meu ver, sobre o trabalho criativo inconsciente. Esse trabalho não existe, a menos que pelo termo trabalho inconsciente tenhamos em mente o trabalho inconsciente muscular e mecânico. Uma pessoa acostumada a mover a mão de uma certa maneira assim a move, sem acompanhar seu trabalho, sabendo que a mão treinada não cometerá um erro.

Nosso inconsciente se mistura com a intuição, isto é, com aquela qualidade humana a que se dá o nome de intuição e que surge do repertório de impressões ainda não formadas pelo pensamento, não formadas pela consciência, não encarnadas em pensamento e imagem.

Eu penso que com muitos, com quase todos vocês, acontece de se sentarem diante do papel por uma, duas horas e nada acontece, mas de repente a pessoa chega lá onde precisa chegar, isso é, completa a cadeia dos fatos conhecidos por ela com um fato que ela desconhece, mas que ela supõe que certamente é assim, ou nem mesmo supõe, mas conclui pelos sentidos que deve ser assim. E dá certo.

Isso é colocar em prática aqueles elos de que o autor carece para conceber uma imagem perfeitamente acabada – é a isso que damos o nome de intuição. Mas não se deve chamá-la de inconsciente. Ela ainda não está incluída na consciência, mas já existe na prática.

É dessa forma que se deve entender. Talvez eu esteja errado. Neste caso, é claro, vamos discutir.

O título “O engenheiro das almas humanas” se refere ao escritor. Penso que o crítico não é menos merecedor desse título, no caso de ele trabalhar em concordância e colaboração com o escritor.

O que precisamos alcançar nesse caso?

Naquela crítica dos críticos que foi aqui expressa há muita coisa sensata e séria. A crítica, de fato, nos ajuda pouco, ocupa-se principalmente de expor as insuficiências nas nossas obras, entende muito mal de onde vieram essas insuficiências e a razão pela qual elas apareceram. A crítica pouco ou praticamente nada se ocupa da linguagem, não nos aponta a estrutura correta ou incorreta da frase, a arquitetura da obra, a disposição logicamente correta do material etc.

Mesmo assim, não se deve forçar a barra – podemos dar com ela na testa. E, de qualquer forma, deve-se admitir sobre a crítica: algo ela fez e ainda está fazendo.

A discordância é grande. Ela foi expressa no plenário, de forma muito clara e detalhada.

A crítica tem que aprender alguma coisa. Ela ainda não está na mesma página que a literatura e, se nós nos distanciarmos da realidade, então a crítica também se distanciará de nós e, principalmente, nos atingirá no que tange aos aspectos ideológicos – o que, claro, é correto, mas, devido a uma fraqueza da própria crítica, nem sempre se faz convincente o bastante.

Pelo menos no que diz respeito à competência literária não há nenhuma ajuda.

Eu falo neste caso sem me excluir, porque experimentei tudo isso. Também a mim pouco ajudaram, me repreenderam muito e mal, elogiaram ainda pior, e não ajudaram nada.

É absolutamente imprescindível, em nosso país, para a nossa literatura soviética, que se ainda não se tornou, de qualquer forma já está se tornando a mentora da literatura de todo o mundo – de qualquer modo, a literatura mais influente do mundo –, é absolutamente imprescindível para ela um profundo e abrangente contato com a crítica, isto é, claro, com uma crítica competente.

Mas, percebam, camaradas, nós não teremos uma crítica competente enquanto não insistirmos para que sejam criados críticos competentes e para que tenhamos uma história da literatura. Precisamos de uma história da literatura, o que não existe aqui. Do mesmo modo, precisamos de uma crítica que ainda não amadureceu, porque não conhece a história da literatura e “não está informada” daquela enorme responsabilidade que recai sobre ela.

Bespalov ressaltou um grupo de críticos que, na sua opinião, podem participar e nos ajudar ativamente a fazer avançar o trabalho da literatura. Ele deu uma série de nomes. Eu, desnecessário dizer, não vou dizer por que este ou aquele não serve. Isso não me diz respeito, e a questão não é que este ou aquele não serve. Toda a crítica que não corresponde àquela enorme tarefa que recai sobre ela não serve.

Eu vejo a questão assim: a natureza não deu ao homem mais do que a qualquer outro animal. Tudo o que foi criado na Terra, toda a cultura foi criada e produzida pelo trabalho das pessoas. Mas nós não assimilamos isso com a devida amplitude e profundidade, não assimilamos o significado filosófico, político e pedagógico desse fato. A nossa relação com a história da cultura se manteve a mesma que a das pessoas que por séculos estiveram habituadas a viver do trabalho alheio e que são organicamente incapazes de compreender aquela força que conquista tudo, a força do trabalho. As qualidades e propriedades criadoras e organizadoras do homem foram organizadas pelo trabalho. Isso não é

suficientemente assimilado e compreendido. E no nosso país parece que se deveria compreender isso, sobretudo porque aquilo que é feito pelo trabalho humano em nosso país agora é absolutamente fantástico e fabuloso. Nós não somos capazes de abarcar todo o quadro da construção. Nós não sabemos o que se faz alhures, em Kolimá, na Ásia central, nas ilhas do Ártico – em toda parte, onde funciona uma espantosa força criadora, espantosa por suas medidas e pelos resultados que ela dá. Odeiam-nos. E vão nos odiar ainda mais, porque nós fazemos uma coisa que aterroriza aqueles para quem essa coisa é a morte. (*Aplausos*)

Às vezes nos desentendemos com a realidade. É preciso abarcá-la mais, entendê-la mais a fundo! É preciso penetrá-la mais a fundo.

Pois, de algum modo, o homem do século XVII, o camponês russo, livrou-se de seu quinhão miserável – e isso é um fato. Mas eis que a parte intelectual da população ainda não se livrou desse quinhão miserável. (*Risadas, aplausos*)

Isso é engraçado, com certeza, mas não estou brincando, falo a sério. A profissão limita o homem até certo ponto. É correta a inteligente comparação de Kuzmá Prutkov:³ o artista é como um abscesso dentário. A profissão limita. O profissional procura antes de mais nada aquilo que pode torná-lo mais completo, expandir o seu quinhão.

Nós, penso eu, devemos expandir nossos quinhões. Nosso escritor soviético não pode ser apenas escritor, não pode ser apenas um beletриста profissional, ele é uma figura viva, um vivo e enérgico participante de tudo o que se faz no país (*Aplausos*). Ele trabalha literalmente em toda parte, é a abelha que recolhe o pólen de todas as flores, fabrica mel e cera. Ele deve estar em toda parte. Ele deve ser onipresente, onividente, e, bem... onipotente, bom, quem sabe... (*risos*)

(*Demian Bedni: “onisciente”*)

Ele deve entender tudo. Ele deve ser a harpa eólica na qual todo movimento produz belos sons.

Na área da assim chamada atividade intelectual, as pessoas precisam viver um tanto sozinhas, trabalhar também em quinhões pequenos, miseráveis, e pela lei da concorrência cada um, claro, defende seu quinhão de todas as formas possíveis. Daí surgem várias coisas desagradáveis.

Eu repetidamente tive que apontar a limitação da temática da literatura russa pré-revolucionária, da literatura burguesa pré-revolucionária, que na verdade ignorou muita coisa fora da sua linha de trabalho e fora do seu entendimento. Ignorou – se ao menos levarmos em conta o século XIX – os assaltos como um fenômeno de massa que teve início depois de 1812, depois das guerras napoleônicas, e se estendeu quase até os anos 1840. Esse fenômeno ainda não foi estudado por nós, ainda não conhecemos os antigos arquivos, não conhecemos em geral o que foi feito – e os arquivos de tribunal daquele tempo poderiam nos mostrar muita coisa. Por exemplo, as gangues de assaltantes da região do Volga estavam de algum modo familiarizados com ideias muito distantes deles, as quais foram em algum momento conduzidas por Bolotnikov, Razin, Pugatchov;⁴ nesses crimes

³ Autor fictício criado por Aleksei Tolstói (1817-1875) e seus primos, os irmãos Aleksei (1821-1908), Aleksandr (1826-1896) e Vladimir Jemtchujnikov (1830-1884). Os quatro escritores satíricos publicavam sob o pseudônimo de Kuzmá Prutkov.

⁴ Ivan Bolotnikov, Stenka Razin, Iemelian Pugatchov – famosos líderes de violentas rebeliões populares ocorridas na Rússia nos séculos XVII e XVIII.

havia elementos de revolta social. Os assaltantes entraram em contato com sectários do Volga e dos Urais, que os ajudaram e lucraram com eles.

Deixou-se passar o momento de falar sobre a introdução de culturas por meio de todo tipo de violência, de golpes de chicote, de baioneta etc.; por exemplo, sobre as revoltas da batata⁵ e mais uma série daqueles fenômenos que não deveriam ter passado despercebidos pela literatura, mas passaram. O que atrapalhou aqui não foram as condições da censura tsarista, mas aquela limitação temática que era típica da literatura pré-revolucionária.

Há o perigo de que também nós deixemos algo passar, mas não devemos deixar isso acontecer. Temos à nossa disposição infindáveis oportunidades de experiência. A crítica deve sublinhar especialmente esse fato, esse vício da literatura. Mas, repito, para isso os próprios críticos devem expandir sua experiência mundana, que se alcança, é claro, pelo estudo.

Na resolução vocês escutaram que nós precisaríamos de uns 25 críticos, que esse grupo precisa ser criado; que as pessoas devem estudar por um ano, familiarizar-se bem com a história da literatura, e assim por diante.

Não devemos esquecer que em nosso país há uma infinidade de ninharias, que são sinais da persistência de antiguidades mesquinhas e vulgares, e que a persistência dessas ninharias é absolutamente impressionante. Não seria conveniente comparar duas listas de canções populares são apresentadas nos palcos? Chamo a atenção para a aguda diferença dos repertórios dos anos 1931 e 1934, sem favorecer o segundo.

Camaradas, existem centenas de poetas. Mas grandes talentos poéticos, a meu ver, há muitos menos. Versos são escritos aos quilômetros. (*Risos.*) O valor social da metade desses versos, se não pior, é bem insignificante. Mas ele seria, sem dúvida, útil e significativo, ele desempenharia um papel muito educativo se os jovens poetas seguissem o caminho pelo qual seguiu Berenger,⁶ pelo qual seguem os cantores franceses. Eles reagem a cada evento político. Vejam como eles retrataram o 6 de fevereiro! Existem muitas cançõezinhas, e nelas cada um ganha alguma coisa.

Já nós temos muitas coisas que devem ser ridicularizadas e contra as quais é preciso lutar. Finalmente, temos muito que precisa ser elogiado, e não com palavras de jornal, mas sinceramente, com toda o páthos e principalmente com o sentimento de gratidão que essas pessoas merecem. Temos pessoas merecedoras de canções, e há cada vez mais dessas pessoas. Mas nós não temos isso. Por quê? Eu não entendo. É preciso que haja. É preciso!

Não vou começar a falar sobre a grande poesia e sobre os grandes poetas. Eu não domino esse assunto, perdi o gosto para isso e leio versos com muita dificuldade. (*Risos.*)

Também não vou começar a falar sobre a dramaturgia. Em primeiro lugar, sinto que entendo pouco desse assunto e frequento pouco o teatro – quase não frequento. Mas uma vez que sou forçado a ler os manuscritos de várias peças, posso dizer que há nelas algo que chama especialmente a atenção: em todas as peças que eu li há uma falha: as personagens não convencem, falta a elas definição e clareza. Fica a impressão de que os caracteres e os heróis são criados não pelo princípio da síntese, não pela seleção dos traços mais típicos, clássicos, coletivos e profissionais,

⁵ Séries de protestos conduzidos pelo campesinato russo contra a prática da servidão, insufladas pela revolta contra a introdução forçada da cultura da batata no país, em 1834.

⁶ Pierre-Jean de Béranger (1780–1857), poeta e cancionista francês.

mas de certa forma... bem superficial. As pessoas usam palavras estranhas, e, em razão disso, os próprios atores acabam representando gestos estranhos. Frequentemente ocorre de a palavra não corresponder ao gesto. Uma pessoa anda pelo palco e você não acredita no que está vendo.

Nosso povo é muito talentoso em termos de criatividade linguística, mas nós não levamos isso em conta. Não sabemos selecionar o que ele tem de talentoso. Lembrem-se de quão maravilhosamente ele compõe *tchastuchkas*.⁷ Recentemente, encontrei a seguinte frase de um autor: “Ele ergueu o braço para dar um tapinha nas costas dela, e nesse instante foi tomado pela destemida morte” (*Risos*). Vejam só como falam!

Essas falhas são sinal de uma visão estreita. Não se enxerga a realidade. Às vezes nós precisamos conhecer não apenas duas realidades – a passada e a presente, em cuja criação temos alguma parte. Há ainda uma terceira realidade que precisamos conhecer – a realidade do futuro. Não é em nome da sagacidade que digo estas palavras sobre a terceira realidade, de modo algum. Eu as sinto como um comando decisivo, como uma ordem revolucionária da época. Nós, de algum modo, devemos incluir agora essa terceira realidade no nosso cotidiano, devemos imaginá-la. Sem ela nós não entenderemos o que é o método do realismo socialista.

Para que se saiba de maneira clara e precisa contra o que lutar, é necessário saber o que se quer. E o que nós queremos ainda não foi alcançado, está à nossa frente. É preciso conhecer, é preciso tentar caminhar para mais além do nosso verdadeiro presente, do nosso presente heroico e maravilhoso. Temos caminhado? Temos. Podemos caminhar mais? Podemos. Falta apenas algum impulso, alguma inspiração, falta isso... E o diabo sabe onde isso se meteu. Ou, quem sabe, isso ainda não surgiu?

Os críticos e os escritores devem entender por que estamos nos distanciando, do que estamos nos distanciando, de quais fenômenos. Não *por força do que*, mas *do quê*? Por que nos fartamos das cadeiras do presente e em quais cadeiras gostaríamos de nos sentar no futuro? É a mesma coisa com as ideias.

Recentemente eu li uma composição literária bastante sagaz. Ela tratava da não confiabilidade do conhecimento e do porquê de uma pessoa sofrer tanto por não poder definir se o universo é finito ou infinito. Sofre tanto que se esquece de calçar galochas. Sofre tanto que acaba se resfriando e morrendo, sabem? Morre, a coitada. Eis aonde leva a não confiabilidade do conhecimento!

Muitas vezes, é preciso ler tais obras, publicadas ou não impressas, sobre o caráter ilusório das alegrias e prazeres amorosos. Devo admitir que ler essas coisas é um pouco embaraçoso. Eu diria que é até pesado, pois, ao ler, você vê que aquela mulher, que alçou o epíteto de heroína durante a guerra civil, aquela mulher, que se mostrou tão sublime em todas as áreas da construção – aquela mulher ainda assim nos agrada de tarde, quando trabalha de mãos dadas conosco, e então nós a respeitamos mais, e assim por diante. E em outras horas do dia... Bem, é melhor não falar dessas coisas (*risos*). É de fato algo engraçado, camaradas, mas neste lugar está nascendo um novo drama. Ele está nascendo. Ele por enquanto não foi retratado pela nova dramaturgia, mas que ele está nascendo e que ele existirá, disso não há dúvida. E o nosso sexo forte vai ter que aguentar um pouco – o que será justo. É disso que ele precisa. (*Risos*)

⁷ Tipo de breve canção folclórica russa, de caráter jocoso ou satírico.

Deve-se apontar uma coisa: que, apesar da abundância das palestras e da perspicácia dos discursos, tanto críticos como escritores revelaram pouca familiaridade com a literatura contemporânea, deixaram de citar uma série de livros que merecem a atenção da crítica – deviam merecer – e que passaram despercebidos. Isso foi apontado pelo próprio camarada Serebrianski,⁸ que falou sobre duas principais obras sobre o tema do colcoz: a obra de Sholokhov⁹ e a obra de Panferov.¹⁰ É claro que essas são obras centrais, ninguém vai negar, mas há uma terceira – “Ódio”, de Shukhov,¹¹ também uma obra muito importante. Há ainda outros livros que de algum modo passaram despercebidos.

Tem ainda algo atrapalhando nossa vida: esses críticos podem ser criticados, porque foram publicados seus artigos, mas e os editores? Com os editores é ainda pior. Ficam ali sentados, fazendo alguma coisa. Fazem-na no seu canto – falam alguma coisa para alguém, ele vai embora, e sua cabeça não fica sobre os ombros, balança atordoada. Na redação, é preciso escutar e ler reclamações muito numerosas em várias cartas. Também é necessário fazer algo a respeito das edições e dos editores. Eu penso que não faz muito sentido atribuir à redação o trabalho de treinar os jovens, porque então teremos desacordos com o programa de estudos literários que a União desenvolveu. Devemos nos ater ao programa desenvolvido pela União – o programa para o trabalho com os iniciantes, com os membros do círculo.

Como eu já havia dito no início, não sou capaz de abarcar e avaliar tudo o que foi dito aqui, no plenário, mas depois tudo isso será desenvolvido, muitas vezes, e, provavelmente, muitos vão escrever sobre isso. Em todo caso, me parece que foi feito um bom trabalho, que demos algum empurrão, mudamos algo, e que, provavelmente, nós estamos no caminho para um trabalho muito frutífero – não estamos?

Eu, pessoalmente, pelo otimismo que me é próprio, estou certo disso, e parablenzo sinceramente a todos pelo que foi feito aqui, e com isto encerro. (*Estrondosos aplausos. Todos se levantam.*)

⁸ Mark Isaakovitch Serebrianski (1901-1941), poeta e crítico literário soviético.

⁹ Mikhail Aleksandrovitch Sholokhov (1905-1984), escritor, jornalista e roteirista soviético.

¹⁰ Fiódor Ivanovitch Panferov (1896-1960), escritor soviético.

¹¹ Ivan Petrovitch Shukhov (1906-1977), escritor soviético cazaquistânês.